O inconsciente da casa

FREUD USAVA O ESPAÇO FÍSICO COMO METÁFORA PARA FALAR DO PSIQUISMO; ASSIM COMO ACONTECE COM A IMAGEM QUE TEMOS DO PRÓPRIO CORPO, O LUGAR ONDE VIVEMOS GANHA INÚMEROS SENTIDOS DE ACORDO COM NOSSAS EXPERIÊNCIAS – RESIDÊNCIAS SÃO TAMBÉM O ABRIGO DE DESEJOS E ANGÚSTIAS

utilização deste artigo é exclusiva para fins educacionais

// por Alberto Eiguer

A casa não é só um lugar de morar, mas um corpo de sonhar. No interior do local construído para viver, as atividades se desenvolvem paralelamente de formas mais ou menos precisas, associadas a funções corporais como alimentação, repouso, sono, sexualidade, excreção. Marcamos um espaço como setor para atividades "diurnas" (recepção, convívio social, preparação do alimento e refeição, leitura etc.) na parte mais próxima da entrada e uma área de atividades "noturnas", mais íntima e reservada (quartos e banheiro). A distribuição serve para facilitar, entre outras coisas, nossas funções corporais vitais. Estas, por sua vez, têm influência na forma como nosso psiquismo representa os espaços.

A casa deve ser sólida para nos conter e fechada para o exterior, delimitando uma área de proteção. Ao mesmo tempo, porém, deve ser "leve" e "aberta" para nos ajudar a desenvolver nossas atividades de maneira adequada sem nos desligar do mundo, com o qual nossa comunicação é essencial - por isso janelas e luminosidade

O AUTOR

É psiquiatra e psicanalista, diretor de investigações do Laboratório de Pesquisas em Psicopatologia e Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da Universidade de Paris V – René Decartes. Preside a Associação Internacional de Psicanálise de Casal e Família e dirige a *Revue Le Divan Familial*, na França. Este artigo foi adaptado do livro *L'inconscient de la maison* (Dunod, 2009), inédito no Brasil. A tradução foi feita pela psicóloga e psicanalista de casal e família Maria Consuelo Passos, professora do programa de pós-graduação em psicologia clínica da Universidade Católica de Pernambuco.

© IRENA SOPHIA/IMAGEZOO/GETTY IMAGES

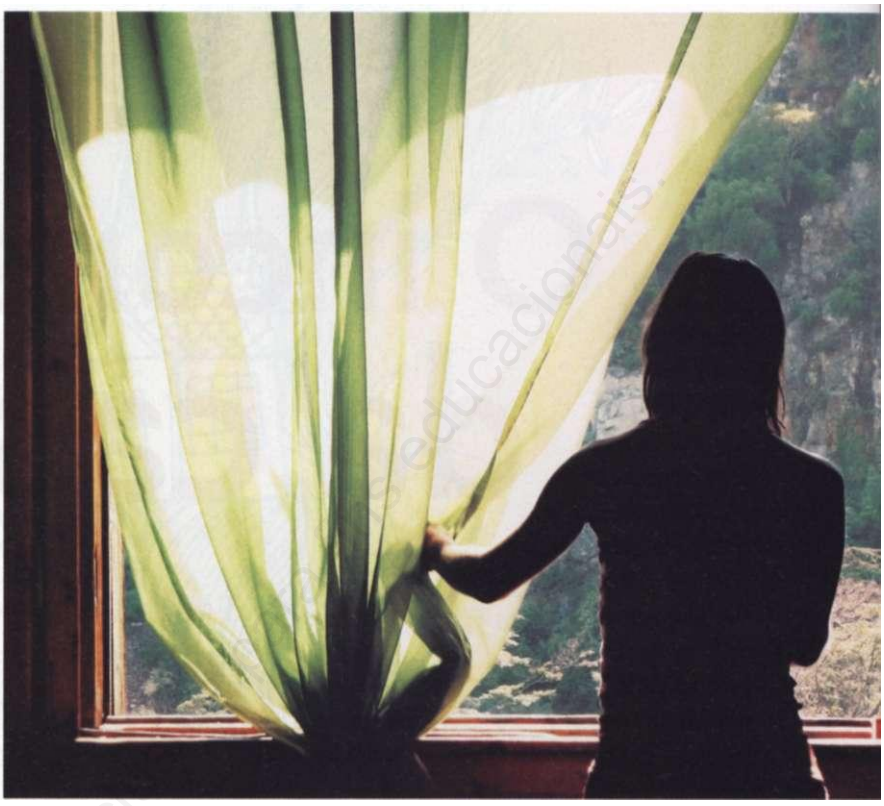
são tão importantes. Tendemos a esperar que a casa seja útil e também favoreça a satisfação sensorial. Consequentemente, reproduzimos no habitat o "desenho" do nosso corpo - recriamos o contorno de nossas formas e da fisiologia.

Convém lembrar que não falamos aqui da imagem perfeita do corpo, mas sim da configuração psíquica que conferimos a ele - referimo-nos a emoções e a uma série organizada de representações. Foi o neuropsiquiatra e psicanalista Paul Schilder quem teorizou esse conceito como uma formação constantemente em construção que reagrupa percepções, afetos, fantasias e pensamentos que envolvem o corpo e têm função essencial no conceito que fazemos de nosso *eu,* nas condutas e nas relações com o ambiente.

Recorremos aqui à ideia de Freud de que o ego é, antes de tudo, corporal. A imagem do corpo sustenta o ser e lhe confere força, segurança e confiança, sem as quais nenhuma experiência vital seria possível. Em 1923, Schilder fala da construção de uma instância que se alicerça nas experiências vividas a partir de suas próprias sensações (táteis, visuais, proprioceptivas etc.) e no contato com pessoas próximas, a começar pela mãe.

A ideia mais próxima da imagem que fazemos de nosso corpo talvez remeta a um desenho em três dimensões, que circula entre outros espaços, outros corpos. Nossas representações inconscientes têm a tarefa de ordenar a imagem física graças, em parte, à capacidade de se ligar de maneira articulada. A representação inconsciente é uma das expressões da pulsão no nível dos processos psíquicos e do afeto em relação ao outro, associada à tensão, à excitação, às sensações de volúpia e prazer e ao orgasmo.

As representações inconscientes articulam-se com as pré-conscientes e conscientes. Estas últimas, reconhecidas pela psicologia clássica, tratam da evocação, a partir de um fato da realidade exterior ou da imagem de uma pessoa, de uma percepção inicialmente enevoada, da qual rapidamente o psiquismo se apropria, dando-lhe uma coloração particular. Em todo caso, há elaboração - um trabalho que poderíamos associar àquele do escultor que molda a argila. Tudo o que é representável no inconsciente é também produto complexo de forças



© ELENA YAKUSHEVA/SHUTTERSTOCK

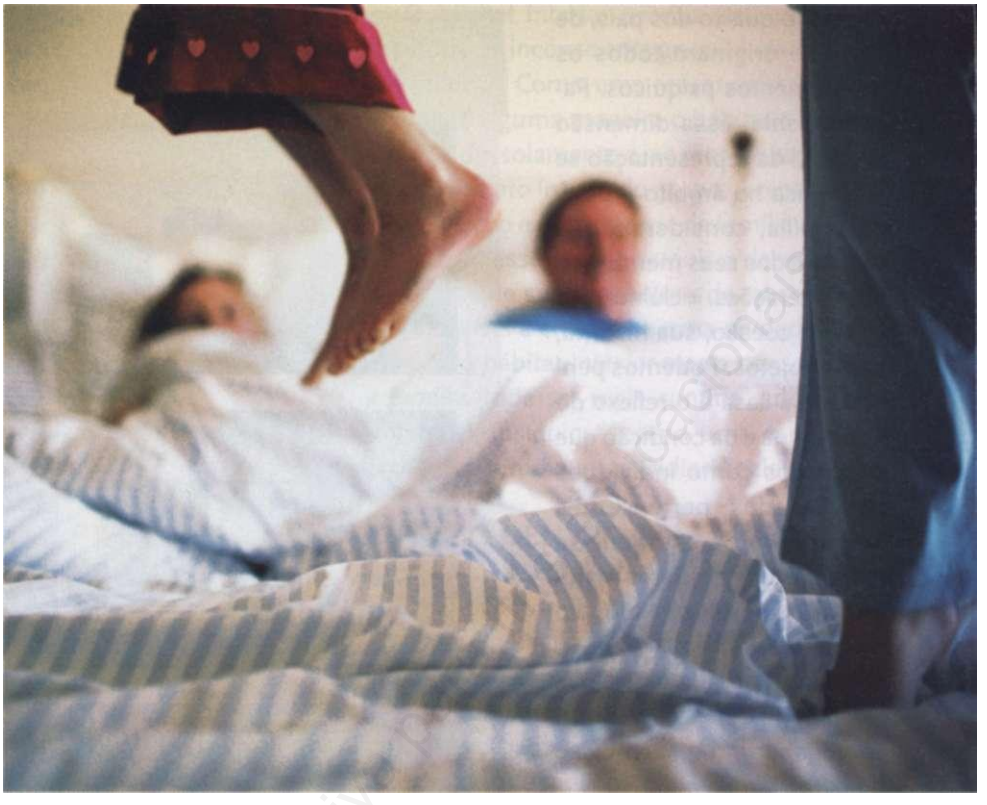
A MORADA DEVE SER SÓLIDA para nos conter e fechada para o exterior, delimitando uma área de proteção; ao mesmo tempo, é preciso que seja "leve" e "aberta"– por isso janelas e luminosidade são tão importantes

divergentes. O que permite à criança avançar em seu desenvolvimento e sentir-se atraída por fenômenos externos e possibilidades, por exemplo, é o afastamento de seus primeiros objetos de interesse - a mãe e depois o pai. Ela é levada a internalizá-los e reproduzi-los em seu psiquismo. A representação se dá na origem de uma percepção, a partir da visão do objeto, de seu odor, de sua voz, até de sua ausência. Enquanto há a alucinação de um objeto, existe também uma realidade inexistente.

A representação se constrói sobre a ausência do objeto e com a finalidade de acalmar a angústia da perda, trazendo em si o projeto de reencontrar o objeto perdido - dito de outro modo, o desejo de encontrar a satisfação além dele.

É muito provável, portanto, que o bebê perceba as partes do seu corpo como desligadas dele, como se não lhe pertencessem. Mais tarde, com a maturação do seu eu, ele integra as partes, descobrindo que compõem uma unidade com ele. A imagem que criamos de nosso corpo, no entanto, não é unicamente um conjunto de representações - é também um saber. O psiquismo possui capacidade de reconhecimento das relações geométricas do espaço; temos um

"pequeno geógrafo" na cabeça, que nos guia, nos orienta, nos situa e nos oferece referências de lugares, formas, volumes: mais precisamente, ele nos aconselha sobre nosso conforto provável no interior dos lugares, nos oferece a possibilidade de apreciar objetos, verificar se um cômodo está iluminado pelo sol e nos permite, até mesmo, passar por uma porta sem bater a cabeça.



O QUARTO DOS PAIS

As visitas psiquiátricas a inúmeros domicílios, em razão de minhas atividades como terapeuta clínico e hospitalar, estimularam reflexões sobre a situação das famílias e dos lugares que habitam. Notei que quanto mais profunda era a crise, mais a desordem e a bagunça imperavam. Não podíamos saber onde se encontravam os objetos - estavam dispersos, misturados. A sujeira se confundia com a limpeza, os alimentos com as roupas. Era impossível saber onde as coisas habitavam. Observei que o território do paciente considerado psicótico tinha sido modificado durante o episódio crítico da patologia ou mesmo depois. Muitos nessa situação perdiam seu espaço pessoal: sua cama tinha passado de seu quarto para um lugar de passagem, como o corredor, por exemplo. A pessoa perdia, de saída, seu espaço de autonomia e sua referência.

Minhas pesquisas sobre as interações precoces embasadas na observação de recém-nascidos e de suas famílias me possibilitam apreciar a importância de significações que nosso habitat adquire. É no leito conjugal que inúmeras mães têm o hábito de trocar a criança, amamentar e brincar com ela. É esse espaço que o bebê passa a reconhecer como sua primeira "referência geográfica", uma continuidade do corpo materno, antes mesmo que ele possa representar sua própria cama. Ao mesmo tempo, é na cama parental que tem lugar a cena primitiva - o ato de amor dos pais, associado à cena da concepção, compondo uma fantasia essencial para a construção da identidade.

O espírito humano, sempre curioso, apoia-se na simbolização e na imaginação. A ideia do corpo ganha sentido com a experiência: ele não é o reflexo exato da anatomia, mas do que imaginamos que seja, e contém nossos desejos e angústias. Evoca o signo dos objetos nos quais nossas sensações encontram apaziguamento. Da mesma forma, cada indivíduo cultiva a imagem interna do espaço no qual habita e o associa facilmente ao seu corpo. Trata-se, ao mesmo tempo, de uma representação consciente e inconsciente, em constante interação. Nos sonhos, por exemplo, a casa pode indicar o corpo do sonhador e suas partes, bem como associar-se a noções de estatura, verticalidade, posição ereta, solidez.

A imagem do corpo sustenta o ser e lhe confere força, segurança e confiança, sem as quais nenhuma experiência vital seria possível

Nas cenas oníricas ou testes projetivos, o telhado com muita frequência simboliza a cabeça, o pensamento ou a aspiração de um ideal. Se a forma da superfície é aguda, penetrante, é possível que traduza o desejo do sonhador de dominar intelectualmente as figuras de autoridade, particularmente o pai. O porão evoca, eventualmente, profundezas arcaicas e enigmáticas da mente, onde o *self* se enraíza. Há um "ser obscuro da casa", escreve o filósofo Gastón Bachelard (1884-1962). As janelas seriam correlatas dos olhos; as portas, da boca.

Fazendo uma aproximação psicanalítica, pode-se dizer que o centro vital da casa é, sem

© AISPIX/SHUTTERSTOCK

dúvida, o quarto dos pais, de onde se originam todos os investimentos psíquicos. Paralelamente, essa dimensão corporal da representação se multiplica no âmbito grupai, da família, considerando aí cada um dos seus membros e suas interações, incluindo seu grau de coesão, sua história, seus projetos. Podemos pensar que a casa é o reflexo do que somos e da condição que ocupamos como indivíduos não isolados, pertencentes a grupos, que também se dispõem em conjuntos maiores. Trata-se de um modelo de funcionamento onde o humano reproduz o que vive no interior de si mesmo, conjugando a representação do corpo e da família.

TEMOS UM "PEQUENO GEÓGRAFO" na cabeça que nos guia e oferece referências sobre formas, volumes, aconselha-nos sobre o conforto provável no interior dos lugares e sobre a possibilidade de passar por uma porta sem nos machucar

Principalmente nas grandes cidades cada vez mais pessoas vivem sozinhas. Mas grande parte dos homens e mulheres ainda moram com a família -e no mesmo espaço. A unidade familiar tem os mesmos contornos da casa. É assim, desde a Antiguidade: em Roma, a família não era composta apenas pelos indivíduos que tinham laços de sangue e aliança entre si, mas também por aqueles que se encontravam sob o mesmo teto, incluindo empregados e escravos, por exemplo. Segundo o sociólogo francês Pierre Bourdieu (1930-2002), a casa é, ainda hoje, uma entidade indissociável da formação do grupo social estável e da perpetuação de projetos sociais. Em algumas tradições culturais, a palavra "casa" remete ao objeto material e à família que vive nela, como uma entidade social cuja transcendência em relação aos indivíduos se firma precisamente no fato de que ela dispõe de um patrimônio de bens materiais e simbólicos e de um nome transmissível em linha direta. Ele afirma ainda: "Criar uma casa revela a vontade coletiva de criar um grupo permanente, unido pelas relações sociais estáveis, uma linha capaz de se perpetuar de forma durável e imutável; é um projeto ou uma parceria coletiva sobre o futuro da unidade doméstica que prevê coesão e integração ou, se preferirmos, alude à capacidade de resistir à desagregação e à dispersão".

No último século, os apartamentos proliferaram nos centros urbanos, e foi adotada uma disposição que favorece a conquista da intimidade dos moradores. No entanto, com o progresso da telefonia e da informática, a casa parece estar cada vez mais aberta aos olhares exteriores. O celular, que nos permite estarem toda parte a todo momento, restringe as possibilidade de nos fecharmos em nós mesmos. As *webcams* filmam sem parar os movimentos das residências, as atividades e o sono dos moradores. "Eu não tenho nada a esconder", diz uma entrevistada quando lhe

pergunto sobre as motivações da instalação de câmeras. Pessoas como ela encontram eco em alguns arquitetos que prognosticam "a casa do futuro" transparente ao olhar do outro. Será este um indício da casa isolada do mundo? Difícil saber, mas a preservação da intimidade não tem status de instituição sólida. Convém lembrar, por exemplo, que o quarto de dormir, o lugar do íntimo por excelência, é uma invenção recente.

PROTETORA E AGRADÁVEL

O que designo como *habitat interior* é constituído a partir da imagem do corpo, das representações inconscientes de si mesmo, de suas partes separadas e religadas. Conjunto formado por *somas* (do grego, corpo) e indivíduos, o grupo familiar é constantemente tomado pela angústia do desmembramento, pelo medo de que cada indivíduo retire uma parte de sua contribuição do imaginário coletivo. É essa, talvez, uma das razões que levam à construção de um lugar geográfico real, afetivamente investido e amado. Não por acaso, em geral queremos uma casa - e desejamos que seja agradável, construída com materiais sólidos, que represente o projeto familiar, que se adapte a necessidades e anseios de seus habitantes, que seja, portanto, estável e durável - capaz de transmitir um legado psíquico e patrimonial.

Suscitado pela criação imaginária do coletivo, outro fator contribui para a organização desse hábitat interior: a representação daqueles que configuram o mundo inconsciente - pai, mãe e conhecidos próximos (principalmente durante a infância) e suas interações, a forma como tratam uns aos outros. É o que chamamos de grupo interno; um conjunto de pessoas que vivem como uma unidade introjetada pelos sujeitos.

Podemos também dizer que o ser humano constrói suas relações no espaço em torno de sua tipologia interna. Em outras palavras, é a maneira pela qual figura seu espaço inconsciente, que existe no seu aparelho psíquico, composto de um id, de um ego e de um superego. Segundo Freud, essas instâncias estão em constante inter-relação. O criador da psicanálise apresentava o espaço como metáfora, para explicar não só o psiquismo, como também a produção onírica.

O habitat interior produz uma marca na memória do inconsciente grupai à medida que "se edifica". Como uma representação partilhada, de alguma maneira o habitat é uma referência do isolamento e, ao mesmo tempo, do conhecimento íntimo do grupo. A representação do corpo e a identidade da família ajudam a construir esse espaço psíquico, depositando nele parte de sua arquitetura de tal sorte que seja possível a criação de uma unidade. Uma vez que o hábitat interior esteja consolidado, a família pode ser mais contida, adquirindo uma "pele psíquica", como uma espécie de proteção, como sugere Didier Anzieu.

ENTRE O DENTRO E O FORA

Sobre o habitat concreto, aparecem os testemunhos do passado. Ele é marcado pelos traços objetivos da história familiar, com momentos intensos e instantes de imobilidade. A localização da mobília e as próprias peças utilitárias e de decoração, por exemplo, são plenas de vida e carregadas de sentidos. Nas situações de luto, após a partida de um ente querido, sobressaem os espaços que a pessoa ocupou, a poltrona onde gostava de se sentar, a forma como dispunha seus pertences. Às vezes, famílias guardam coisas sem razão aparente. Esses objetos podem representar segredos familiares que não podemos evocar, nem tampouco eliminar.

O espaço de morar é carregado de memória - assim como do presente familiar -, e a distribuição das peças traduz hierarquias e dinâmicas psíquicas. Muitas vezes, o uso dos cômodos revela evolução da situação do casal. Depois do divórcio, por exemplo, uma mulher cedeu à filha o quarto que dividia com o marido e preferiu se instalarem um aposento menor no fundo do apartamento. A mulher não se sentia mais tão importante nessa época, encontrava-se deprimida e nutria culpa por ter afastado a menina do pai - e queria "recompensá-la". Era, no entanto, um presente ambíguo, que colocava a filha em um lugar de adulto, herdeira da cama dos pais.

Não seria exagero dizer, portanto, que é o afeto que confere sentidos a cada peça, a cada canto de uma residência. E a apropriação do local, concomitante à descoberta de suas potencialidades, marca a experiência - e é marcada por ela.

PARA SABER MAIS

L'inconscient de la maison. Alberto Eiguer. 2ª edição revista e aumentada, Dunod, 2009.

Pequeno tratado das perversões morais. Alberto Eiguer. Climepsi, 1999.

O parentesco fantasmático. Alberto Eiguer. Casa do Psicólogo, 1995.

Um divã para a família. Alberto Eiguer. Artes Médicas, 1985.

A utilização deste artigo é exclusiva para fins educacionais

Fonte: Mente&Cérebro, São Paulo, ano 19, n. 224, p. 54-59, set. 2011.